

DOSSIÊ

MULHERES RURAIS:
AS MARGARIDAS E PENHAS
DO SÉCULO XXI

APRESENTAÇÃO

A ideia de organização deste dossiê sobre a temática das relações de gênero no mundo rural por parte da Editoria da Revista Gênero presta uma homenagem às lutas incansáveis das mulheres rurais, assentadas, quilombolas; suas batalhas pela terra e pela vida. As lutas pela posse da terra no Brasil remontam ao século XIX, quando, na contramão da História, nosso país publicou a Lei de Terras, em 1850, definindo que a posse da terra não seria de quem trabalhava num pedaço de chão, mas dependia de uma escritura de compra e venda. Desde então, homens e mulheres vivem numa espécie de servidão às avessas.

Este Dossiê homenageia duas bravas mulheres paraibanas que nos anos 1980 e 1990 presidiram um sindicato rural no Brejo paraibano, a primeira, Margarida Maria Alves (1933 – 1983), foi assassinada por um pistoleiro a mando dos latifundiários e, até os dias atuais, seu nome é um símbolo de luta para os trabalhadores rurais nacionais. Maria da Penha Nascimento (1949-1991), companheira de Margarida nas lutas sindicais dos anos 1970, foi sua sucessora depois do seu assassinato e empunhou firme a denúncia da impunidade dos seus assassinos. Contaminada pela luta feminista, fundou o Movimento de Mulheres do Brejo e batalhou nas duas frentes: pelo direito à terra e pela igualdade entre mulheres e homens, até sua morte, em 1991.

Os exemplos de Margarida e Penha nos lembram que, desde os anos 1960, a agropecuária nacional vem passando por um processo de modernização e industrialização. Esse processo tornou a estrutura social e produtiva do campo muito mais complexa, redefinindo-a não no sentido da democratização da terra através da reforma agrária, mas na perspectiva da grande propriedade fundiária e do êxodo rural. Em paralelo, das lutas pela posse da terra e pela transformação cidadã do espaço rural emergiu a luta feminista pelas transformações no papel das mulheres nesse meio.

Os artigos escolhidos neste Dossiê apresentam análises sobre estas questões. Valorizam aquelas e aqueles que refletem sobre a realidade das mulheres rurais, do avanço da organização das trabalhadoras rurais nas últimas décadas na sociedade brasileira, que têm exigido terra e reconhecimento profissional.

O primeiro artigo, de Ana Carolina de Assis Marinho da Silva e Valéria Marcondes, intitulado *Mulheres camponesas e cidadania: um aporte teórico sobre o consumo midiático entre integrantes do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina*, analisa o processo de (re)significação da mulher camponesa e sua formação cidadã, através do consumo de mídia, identificando sua influência nas relações pautadas dentro do movimento, seu caráter ideológico, político e cultural. Para tanto, foram realizadas entrevistas estruturadas com as mulheres organizadas nesta associação feminista camponesa.

O segundo artigo, *Mulheres Rurais atuando no fortalecimento da agricultora familiar local*, de Crystiane Pontes Ramos, tem por objetivo fazer um resgate histórico sobre a relevância social e econômica da agricultura familiar através de um estudo de caso no município de Araçuaí no Vale do Jequitinhonha (MG). Analisa a atuação feminina na agricultura local, sua atuação no contexto da história da agricultura familiar e o reconhecimento de sua ação através das políticas públicas específicas para mulheres. Tem como foco analítico o Programa Compra Direta Local da Agricultura Familiar, ano 2009/2010, executado pela Prefeitura Municipal. Privilegia as falas das mulheres enfrentando a desigualdade de gênero familiar, bem como a invisibilidade de seus trabalhos cotidianos, indispensáveis para o fortalecimento da agricultura familiar.

O terceiro artigo, de Egnaldo Rocha da Silva, *Mulher, negra e quilombola: sobrevivência e cotidiano na comunidade de Lagoa Santa, Ituberá- BA*, traz para análise a questão quilombola no âmbito das relações de gênero. Seu estudo de caso foi realizado na comunidade remanescente quilombola de Lagoa Santa, localizada na zona rural do município de Ituberá, no estado da Bahia. Seu olhar ressalta a importância das mulheres na dinâmica social da comunidade, suas vivências, experiências e desafios enfrentados no cotidiano de forma diferenciada e subjetiva, a partir do seu pertencimento de gênero e étnico-racial.

O quarto artigo é de autoria de Maria Simone Vione Schwengber e Naira Letícia Giongo Mendes Pinheiro, intitulado *A Tríade de Lazer de Mulheres Camponesas no meio rural de Joia (RS): atividades religiosas, rede de vizinhança e festas comunitárias*. Nele, analisam-se as experiências de lazer de um grupo de mulheres camponesas no município de Joia, no estado do Rio Grande do Sul. Sua metodologia consiste no empenho de uma pesquisa qualitativa realizada a partir da análise discursiva de entrevistas com essas mulheres, em que se destacam as experiências religiosas, a rede de vizinhança e as festas comunitárias. O trabalho revela que foi através das experiências religiosas que muitas mulheres rurais conseguiram uma participação que as encaminhou para a vida comunitária mais ampla e contribuiu para o seu protagonismo na comunidade.

O quinto artigo, de Silvana Magali Vale Nascimento, *Mulheres Rurais e Agroecologia: perdas e ganhos de um aprendizado cotidiano nas chapadas do Leste Maranhense frente à expansão da monocultura de soja*, expõe e analisa as condições de vida das agricultoras familiares camponesas no município de Brejo, no estado do Maranhão. Suas vidas são contadas através de suas lutas na terra e na família e dos desafios frente à expansão do agronegócio e de sua participação na reprodução do campesinato local. Um exemplo da intensa disputa vivida no meio rural entre a agricultura familiar e os grandes negócios agrícolas.